

## PREPOSIÇÕES MAIS GRAMATICALIZADAS EM DICIONÁRIOS ESCOLARES

Lou-Ann Kleppa\*

**RESUMO:** Este estudo, situado na Sociolinguística e ancorado na Hipótese da Gramaticalização, analisa a variação existente entre as diferentes definições de preposições encontradas em três dicionários escolares. Aponta para a qualidade de tratamento que os dicionários dispensam às preposições menos gramaticalizadas e às mais gramaticalizadas e enfoca as definições das seis preposições mais gramaticalizadas da língua portuguesa. Para tanto, discute o caráter normativo dos dicionários escolares. Ao contrastar as definições de preposições nos dicionários escolares, notamos que são muito heterogêneas por que partem de exemplos de uso (não expressos).

Palavras-chave: *Preposições; Graus de gramaticalização; Normatividade; Dicionários escolares.*

### Introdução

Foram escolhidos três dicionários escolares, identificados aqui pelos códigos (1), (2) e (3), que são dicionários padrão (de referência) de pequeno porte (mini-dicionários), que se mostram preocupados em retratar o português contemporâneo do Brasil, em linguagem acessível aos alunos e com explicações claras e adequadas a um público escolar. Os dicionários escolares foram escolhidos aleatoriamente, porque assumimos, num primeiro momento, que os dicionários forneceriam definições similares. No entanto, logo será notado que o dicionário (1) não apresenta entradas para as preposições **de** e **para**, o que pode ser explicado pelo fato de se tratar de um mini-dicionário, em que o volume do dicionário regular foi aleatoriamente reduzido. Ademais, percebemos que as definições das preposições não são similares nos três dicionários.

Foram consultadas as seguintes preposições: *a*, (também *à*), *ante*, *após*, *até*, *com*, *contra*, *de*, *desde*, *em*, *entre*, *para*, (*per* quando constava), *perante*, *por*, *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*, além da definição do termo *preposição*. Notamos que há uma disparidade de tratamento que os dicionários escolares dispensam às preposições mais gramaticalizadas e às menos gramaticalizadas e concentramos a atenção nas definições de seis preposições mais gramaticalizadas (**a**, **com**, **de**, **em**, **para** e **por**), que foram contrastadas nos três dicionários. Usaremos a língua falada como parâmetro e fonte para a criação de exemplos no corpo deste artigo, porque acreditamos que um dicionário escolar, apesar de fazer referência à norma padrão, deve ser útil aos **falantes** da língua portuguesa.

Por estar inserido no campo da Sociolinguística, este estudo tem como objetivo observar a variação existente entre as definições de preposições encontradas nos diferentes dicionários, além da variação de tratamento que os três dicionários dão às preposições mais gramaticalizadas e menos gramaticalizadas. Esta última variação é observável graças à Hipótese da Gramaticalização, a princípio uma abordagem diacrônica, que é adotada aqui sob a perspectiva sincrônica.

---

\* loukleppa@yahoo.com

Os graus de gramaticalização das preposições serão discutidos na primeira seção, as definições das preposições menos gramaticalizadas encontradas nos três dicionários são apresentadas na segunda seção, e as definições das preposições mais gramaticalizadas, que são o foco deste artigo, são discutidas na terceira seção. Na quarta seção, o conteúdo semântico de todas as preposições analisadas até o momento é discutido e na seção seguinte o caráter normativo dos dicionários é abordado. Concluimos este estudo na sexta seção.

## 1. Graus de gramaticalização

Adotamos a Hipótese da Gramaticalização para explicar as variações sincrônicas no interior da classe das preposições, que, a despeito da classificação da gramática tradicional, se apresenta como uma classe pouco homogênea. Podemos entender, através da noção de gramaticalização, que as preposições da língua portuguesa apresentam comportamentos semântico, morfológico e sintático variados, conforme o **grau de gramaticalização** de cada uma. Acreditamos que o estabelecimento do grau de gramaticalização das preposições da língua portuguesa seja uma questão de gradiência, não de categoria. Entendemos que as preposições podem ser dispostas num *continuum* com dois pólos. Um pólo é o da gramaticalização menos avançada e o pólo oposto é o da gramaticalização mais avançada. As preposições analisadas aqui se dispõem entre estes dois pólos, no *continuum*. Os critérios, segundo Kleppa (2005), para verificar o grau de gramaticalização das preposições são: (a) frequência, (b) distribuição, (c) conteúdo semântico e (d) possibilidade de amálgama com outros itens lingüísticos.

(a) As preposições que estão definidas no dicionário não possuem a mesma *freqüência e distribuição* na língua portuguesa. **Trás, ante e per** não são mais usadas na língua corrente. Segundo Castilho *et al.* (a sair), em que se tomou o *corpus* mínimo compartilhado do NURC (Norma Urbana Culta, um grande projeto de coleta de dados de fala realizado em cinco capitais brasileiras) como referência, podemos gerar o gráfico abaixo. As preposições mais frequentes são as mais gramaticalizadas:

### Frequência de preposições

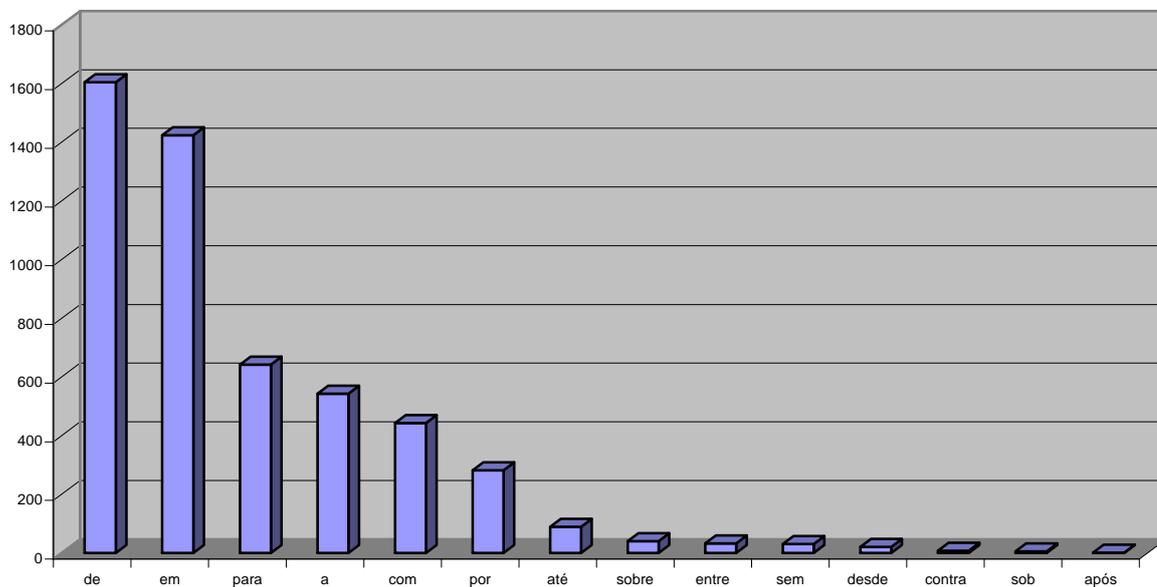


Gráfico 1: Amostragem da frequência de preposições na fala de adultos, em números absolutos.

(b) Quanto à *distribuição*, podemos afirmar que **após, até, contra, desde, entre, perante, sem, sob e sobre** são sempre introdutoras de adjuntos, nunca de argumentos<sup>1</sup> do verbo, justamente porque não contribuem para a formação da carga semântica de um verbo (por exemplo, *mandar em alguém*, em que a preposição está integrada ao verbo). Já as preposições mais gramaticalizadas podem funcionar como introdutoras de adjuntos e argumentos de verbos. Esta capacidade de figurar em variados contextos sintáticos pode ser chamada de *extensão* ou *generalização contextual* e é característica das preposições mais gramaticalizadas. Sua alta frequência se deve ao fato de serem empregadas em contextos sintáticos variados: tanto como introdutoras de argumentos como de adjuntos do verbo.

(c) As preposições mais gramaticalizadas não possuem um único conteúdo semântico, porque tiveram parte de seu *conteúdo semântico alterado*. O significado primário que aponta para recortes espaciais foi enfraquecido e outros valores (*tempo, modo* e outros, como veremos) foram agregados à carga semântica da palavra que foi deixando de ter um peso marcadamente lexical para assumir um caráter funcional na língua. Por exemplo, o valor semântico da preposição menos gramaticalizada **até** está sempre relacionado à idéia de limite, tanto em “Vou **até** a parede e volto” (espaço: limite) como em “Se ele não voltar **até** amanhã, vou lá buscá-lo” (tempo: limite). Temos aqui uma forma com um significado, não importa em que contexto (espaço ou tempo). Não podemos afirmar o mesmo para preposições altamente gramaticalizadas, como por exemplo, **de**: “Vim **de** Caruaru” (espaço: origem) e “Saí de noite” (tempo: especificação de um período). Qual é o valor semântico de **de** em: “Gosto **de** caminhar” ou “Ela não cuida bem **das** plantas”? Em outras palavras, quanto mais específico

for o valor semântico de uma preposição, mais próxima ela está de um item lexical, portanto está menos gramaticalizada que as outras preposições.

(d) As preposições mais gramaticalizadas podem ser amalgamadas a outras palavras (**a** + **a** = **à**, **a** + **o** = **ao**, **de** + **a** = **da**, **de** + **aqui** = **daqui**, **em** + **o** = **no**, **em** + **ele** = **nele**, **por** + **o** = **pelo**, e assim por diante; sendo que na oralidade temos ainda **com** + **a** = **cu'a** e **para** + **o** = **pro**). Trata-se de preposições que podem sofrer *erosão* (*perda de material fonético*). Apenas as preposições **a**, **com**, **de**, **em**, **para** e **por** podem ser amalgamadas com outros itens lingüísticos.

Tendo isso em mente, podemos chegar a dois grupos de preposições:

1. as menos gramaticalizadas (**ante**, **após**, **até**, **contra**, **desde**, **entre**, **per**, **perante**, **sem**, **sob** **sobre** e **trás**);
2. as mais gramaticalizadas (**a**, **com**, **de**, **em**, **para** e **por**).

Antes de contrastarmos os tratamentos que os dicionários escolares dispensam às preposições mais e menos gramaticalizadas, passemos ao exame das definições das preposições menos gramaticalizadas encontradas nos dicionários consultados.

## 2. Definições de preposições menos gramaticalizadas nos dicionários escolares

Os números entre parênteses na extremidade direita indicam o dicionário escolar do qual as definições foram retiradas:

**an.te**, prep. Diante de; em presença de; perante; por efeito de. Como prefixo, é unido hífen quando o vocábulo a que se liga começa por h, r ou s. (1)

**an.te** prep. 1. Na presença de; 2. Por efeito de; 3. Diante de. (2)

**ANTE**, prep. Diante de; adv. Antes. (Como prefixo, entra na composição de várias palavras, sendo unido por hífen quando o vocábulo a que se liga começa por **h**, **r** ou **s**: ante-histórico, ante-rosto, ante-sala.) **an.te** (3)

**a.pós**, prep. Depois de; em seguimento de; atrás de; adv. depois. (1)

**a.pós** prep 1. Depois de, atrás de; adv 2. depois, em seguida. (2)

**APÓS**, prep. Depois de; atrás de; adv. depois. **a.pós** (3)

**a.té**, prep. Expressa limite de tempo, espaço, lugar, ações etc; adv. também, ainda.

(1)

**a.té** prep 1. Indica limite de tempo, espaço, ação ou quantidade; adv 2. também, mesmo, ainda.

(2)

**ATÉ**, prep. Indica um limite de tempo, no espaço ou nas ações; adv. ainda, também, mesmo. **a.té** (3)

**con.tra**, prep. Em oposição a; em contradição; em direção oposta de. (1)

- em** **con.tra** *prep* 1. Em oposição a; 2. em contradição com; 3. em direção oposta à de; 4. frente de; 5. encostado a; 6. obstáculo; 7. objeção; *adv* 8. contrariedade. (2)
- CONTRA**, *prep*. Em oposição a, em direção oposta à de; em frente de; *adv*. contrariamente a. **con.tra** (3)
- des.de**, *prep*. A partir de, a começar de. (1)
- des.de** *prep* 1. A começar de; 2. a partir de; 3. a contar de. (2)
- DESDE**, *prep*. A começar de; a partir de; - já, *loc. adv.*: desde este momento; doravante; agora; neste momento; - logo, *loc. adv.*: desde este ou aquele momento; - que, *loc. conj.*: visto que; uma vez que. **des.de** (3)
- en.tre**, *prep*. No meio de; no espaço de. (1)
- en.tre** *prep* 1. No meio de; 2. no intervalo de; 3. em número de. (2)
- ENTRE**, *prep*. No meio de; no intervalo de; no número de; dentro de. **en.tre** (3)
- per** *prep ant* 1. Por; *loc adv* 2. de per si: cada um por sua vez; isoladamente. (2)
- PER**, *prep*. (*ant.*) Por; de – si: cada um por sua vez; isoladamente. **per** (3)
- pe.ran.te**, *prep*. Na presença de; diante de; ante. (1)
- pe.ran.te** *prep* Diante de; na presença de. (2)
- PERANTE**, *prep*. Na presença de; diante de; ante. **pe.ran.te** (3)
- sem**, *prep*. Indica ausência, falta etc. (1)
- sem** *prep* Designa falta, exclusão, ausência, exceção, condição. (2)
- SEM**, *prep*. Indica falta, exclusão, ausência, condição, exceção. **sem** (3)
- sob**, *prep*. Debaixo de; ao abrigo de. (1)
- sob** *prep* Debaixo de. (2)
- SOB**, *prep*. Debaixo de; no tempo ou governo de. **sob** (3)
- so.bre**, *prep*. Na parte superior de; em cima ou para cima de; atrás de; acerca de; depois de; em consequência de. (1)
5. a **so.bre** (ô) *prep* 1. Na parte superior de; 2. em cima de; 3. na superfície de; 4. além de; respeito de. Cf **sobre**, do *v* sobrar. (2)
- SOBRE**, *prep*. Na parte superior de; em cima ou para cima; em consequência de, conforme; em nome de; a respeito de. **so.bre** (3)
- trás**, *prep*. Atrás, detrás, após. (1)
- trás** *prep* 1. Atrás; *interj* 2. termo que designa pancada ruidosa. (2)
- TRÁS**, *prep.* e *adv.* Atrás, após. **trás** (3)

Sublinhadas estão todas as definições que se restringem a traduções da preposição por locuções prepositivas ou outras preposições (sublinhadas e em itálico). Outras preposições foram mobilizadas para definir as preposições **ante** (no dicionário (1)), **perante** (no dicionário (3)), **per** (nos dicionários (2) e (3)) e **trás** (nos dicionários (1) e (3)). É possível interpretar este fato como uma substituição das preposições que já não são mais usadas na linguagem corrente por outras, que fazem parte dos usos cotidianos.

Note-se que apenas as preposições **até** e **sem** não são definidas através de outras preposições ou locuções prepositivas. Estas duas preposições têm seu valor semântico explicado.

Não era esperado que os dicionários apresentassem informações acerca da distribuição e frequência, ou possibilidade de amálgama com outros itens lingüísticos, mas que se concentrassem na explicitação do valor semântico das preposições. É justamente isso que não acontece com as preposições menos gramaticalizadas (exceto com **até** e **sem**).

### 3. Definições das preposições mais gramaticalizadas nos dicionários escolares

O dicionário (1) não define **a** como sendo uma preposição:

**a**, s.m. Primeira letra do alfabeto. Corresponde ao alfa grego, ao alef semita. Em música representou a nota lá e em química é o símbolo do argônio.  
(1)

**a** *sm* 1. Primeira letra do alfabeto; *num* 2. o primeiro da série indicada pelas letras do alfabeto; *art def* 3. fem de **o**; *pron pess* 4. oblíquo átono, fem de **o**; *pron dem* 5. fem de aquela; *prep* 6. exprime variadas relações: movimento, tempo, fim, distância, meio, extensão, modo, preço, etc.  
(2)

**A**, s.m. Vogal oral, primeira letra do alfabeto; corresponde ao alfa grego; art. def. fem. de *o*; pron. pess. da 3<sup>a</sup>. pessoa do sing., fem., caso oblíquo: encontrou-*a*; pron. dem., equivalente a aquela: era *a* que faltava; prep. indica numerosas relações, como lugar (Fui *a* Maceió.) etc. Símbolo do ampère.  
(3)

Sublinhadas estão as definições equivalentes nos dicionários consultados. É de se notar que não estamos mais diante de definições que se utilizam de locuções prepositivas ou outras preposições, mas de explicações que levantam os tipos de relação que a preposição em questão pode estabelecer. Estas definições não são, contudo, satisfatórias.

A mesma relação que o dicionário (3) apresenta sob o designativo *lugar* pode ser encontrada no dicionário (2), correspondendo a diferentes recortes espaciais: *movimento*, *distância*, *extensão*. Ambas as listas de relações que a preposição pode estabelecer são potencialmente infinitas, já que parecem não descrever um inventário fechado de relações (terminam em “etc.”). Não está claro o que significam as relações de *meio* e *fim*. Trata-se de valores semânticos que podemos retrair em “Começo, *meio* e *fim*”, ou em “*meio* de

transporte”, ou ainda “estou *meio* triste”? A relação de *fim* talvez possa ser identificada na expressão

1) *Fadado ao fracasso.*

Exemplos seriam bem-vindos, para que o aluno entendesse o que estes rótulos significam. Esta falta de exemplos se torna gritante quando as definições são baseadas em exemplos que não são explicitados. Quando o dicionário (2) define que uma das relações que a preposição **a** pode estabelecer é a de *preço*, então está partindo de um exemplo equivalente a

2) *Comprei bananas a um real.*

O mesmo se aplica à categoria *modo*: o aluno precisa construir exemplos como

3) *Estou bem à vontade*

4) *Caminhava a passos lentos*

para entender como esta preposição pode estabelecer relações de *modo* ou *preço*.

Quanto à morfologia, podemos observar que os dicionários registram, num verbete à parte, a possibilidade da contração da preposição **a** com outro item lingüístico:

à, Contração da prep. *a* com o pron. dem. ou o art. *a*. Ex: Vou à rua. (1)

à *contr* da prep **a** com o art *def a* ou com o pron *dem a*. (2)

À, *contr.* da prep. *a* com o art. ou pron. *a*; *a* craseado. Ex: Vou à cidade (vou para a cidade). (3)

Neste caso, há exemplos que ilustram a informação gramatical apresentada. Notaremos que a possibilidade de amálgama da preposição com outros elementos não será abordada nos verbetes das outras preposições. Seguindo a ordem alfabética, nos deparamos com a preposição **com**:

**com**, Preposição que indica: ligação, companhia; modo, união etc. (1)

**com** *prep* Indica diversas relações: companhia, instrumento, modo, ligação, causa.

(2)

**COM**, *prep.* Indica diferentes relações: companhia; instrumento etc. **com** (3)

Apenas a lista de relações do dicionário (2) representa um inventário fechado das diversas relações que esta preposição pode estabelecer, as outras duas terminam em “*etc*”. Apenas a relação de *companhia* é recorrente em todas as definições, as restantes (*modo*, *união*, *instrumento*, *ligação*, *causa*) não figuram simultaneamente nos três dicionários consultados. É exigido do aluno o esforço de imaginar exemplos que se encaixem nas definições fornecidas pelos dicionários. Seguindo o mesmo *frame* usado para chegar a um exemplo de *modo* com a preposição **a**, um exemplo para *modo* poderia ser

5) *Caminhava com passos lentos,*

mas não

6) *\*Estou bem com a vontade.*

Exemplos para ilustrar a categoria *causa* poderiam ser:

7) *Não dá mais pra ver o mar com tanto prédio que tem na frente*

8) *A bicicleta enferrujou **com** a chuva.*

Contudo, é pouco provável que o aluno chegue a criar exemplos como estes.

Na seqüência, temos a preposição **de**:

**de prep** Indica várias relações: posse, lugar, proveniência, modo, tempo, situação, causa, instrumento, dimensão, etc.

(2)

**DE**, prep. Designativa de diferentes relações, como de posse, lugar, modo, causa, tempo, dimensão, origem, matéria, conteúdo. **de**

(3)

As definições centram-se no valor semântico da preposição, mas não são exaustivas, como indica o “etc”. É de se notar que, além de uma lista de relações ser potencialmente infinita e a outra ser circunscrita a nove tipos de relação, quatro tipos de relação não são compatíveis nas duas listagens: *situação* e *instrumento* não são correspondentes a *matéria* e *conteúdo*, ou seja, são tipos de relação não previstas por ambos os dicionários. Ademais, não está suficientemente claro o que significa uma preposição que indica relação de *situação* ou como a preposição **de** pode expressar relações de *conteúdo* ou mesmo *instrumento*. Para se chegar a essas definições, é preciso ter um exemplo em que a preposição **de** possa estabelecer a relação de *situação*, *instrumento* ou *conteúdo*. Exemplos para ilustrar a categoria *causa* podem ser criados pelo aluno a partir do *frame* utilizado para o mesmo tipo de relação quando tratamos da preposição **com**:

9) *Não dá mais pra ver o mar, **de** tanto prédio que tem na frente*  
mas não

10) \* *A bicicleta enferrujou **da** chuva.*

É preciso criar outros exemplos que ilustrem a relação de *causa* para a preposição **de**:

11) *Morreu **de** velho*

Seguindo, nos deparamos com a preposição **em**:

**em**, prep. Exprime relações de lugar, tempo, modo, duração, meio, fim etc. (1)

**em prep** Exprime idéia de estado ou qualidade, fim, forma ou semelhança, lugar, meio, modo, sucessão, tempo.

(2)

**EM**, prep. Indica lugar, tempo, modo, causa e outras relações entre as palavras a que se junta.

(3)

Note-se que os tipos de relação estabelecidos pela preposição **em** descritos no primeiro e terceiro dicionário são potencialmente infinitos, ao passo que a lista do segundo dicionário é um inventário fechado. Da definição do segundo dicionário podemos depreender que a própria preposição tem valor semântico de *estado ou qualidade*, *fim*, *forma ou semelhança*, *lugar*, *meio*, *modo*, *sucessão* ou ainda *tempo*, e não é mais apontado para o fato da preposição estabelecer **relações** entre termos. Ainda na definição do segundo dicionário, as classificações

de *meio*, *fim*, *estado* ou *qualidade*, *forma* ou *semelhança* são altamente vagas, e a classificação de *sucessão* pode ser inserida tanto em *tempo* como em *lugar*. Encontramos esse mesmo tipo de classificação no dicionário (1), em que *duração* está subentendida em *tempo*. O aluno precisa gerar exemplos para entender como a preposição **em** pode estabelecer relações de *modo*:

12) *Comemos em silêncio.*

Apesar da relação de *modo* ser a mesma que a que foi usada para as preposições **a** e **com**, podemos notar que as preposições não são intercambiáveis quando exprimirem esta relação:

13) *\*Caminhou em passos lentos*

14) *\*Estou bem na vontade*

O consultante está bastante desamparado na criação de um exemplo em que **em** possa expressar uma relação de *causa*, como indica o dicionário (3). Os exemplos que se enquadravam nas relações de *causa* para as outras preposições não servem aqui:

15) *\*Morreu em velho*

16) *\*Não dá mais pra ver o mar, em tanto prédio que tem na frente*

17) *\*A bicicleta enferrujou na chuva.*

Igualmente complicada é a criação de exemplos em que se possa evidenciar a relação de *fim*. Como já foi questionado na análise da preposição **a**, não está claro se *fim* é relativo a uma direção espacial, ou se está ligado a *finalidade*. O exemplo que servira para **a** não é adequado aqui:

18) *\*Fadado no fracasso.*

Passemos à preposição **para**:

**pa.ra** prep. 1. Exprime várias relações, como fim, direção, destino, lugar, proporcionalidade, tempo, etc.; *loc conj* 2. **para que**: a fim de que. (2)

**PARA**, prep. Designativa de direção, fim, destino, lugar, proporcionalidade, tempo etc. **pa.ra**

(3)

Pela primeira vez há uma compatibilidade entre as definições das diferentes relações que uma mesma preposição pode estabelecer. No entanto, no dicionário (3) não há referência às relações que a preposição estabelece, as classificações são aplicadas diretamente à palavra **para**, como se **para** tivesse o sentido intrínseco de *direção*, *fim*, *destino*, *lugar*, *proporcionalidade*, *tempo* etc. Os termos *direção*, *destino* e *lugar* são apenas recortes diferentes de *espaço*, e poderiam ser substituídos pelo hiperônimo. Novamente estamos diante da classificação *fim* e não sabemos se ela se refere a *espaço* ou *finalidade*, mas podemos aceitar a construção

19) *Fadado para o fracasso*

A relação de *proporcionalidade* somente será expressa quando houver um contexto específico que permita esta interpretação: *X estar para Y*. Não podemos, no entanto, admitir que a preposição estabeleça a relação de proporcionalidade, porque é a estrutura fixa de *X está para Y* que engendra o sentido de *proporcionalidade*.

A última preposição a ser examinada é **por**:

**por**, prep. Designativa de diversas relações, entre elas, meio, causa, qualidade, lugar etc. (1)

**por** prep indicativa de numerosas relações: de tempo (*chegou por ocasião da colheita*); de modo (*faço-o por prazer*); de divisão (*divida o total por cinco*); de lugar (*passarei por Campos*); de preço (*compro por cem reais*), etc. Cf **pôr**. (2)

**POR**, prep. Designativa de diversas relações (de meio, causa, qualidade, lugar, modo, estado, preço, tempo etc.); - entre: através de. **por** (3)

Os três dicionários não limitam o inventário de relações que a preposição **por** pode estabelecer, pois todas as definições terminam com “etc”. Com surpresa notamos que apenas uma classificação (*lugar*) de tipos de relação que a preposição **por** pode estabelecer é equivalente nos três dicionários. Como expressar a relação de *qualidade* (como indicam os dicionários (1) e (3)) através da preposição **por**? A idéia de *divisão* encontrada no dicionário (2) é apenas expressada pelo verbo *dividir*, ao qual a preposição pode se ligar. Lendo a definição do dicionário (2), o aluno consegue perceber o que é uma relação de *preço*, que tinha sido questionada na ocasião em que a preposição **a** foi analisada. Novamente o dicionarista parte de um exemplo de uso para definir o valor semântico de uma preposição:

20) *Comprei bananas por um real*

mas podemos pensar ainda em outros exemplos:

2) *Comprei bananas a um real*

21) *Comprei bananas de um real*

É possível que o uso freqüente de **a** e **por** nestes contextos em que o preço de um produto é anunciado tenha se cristalizado de tal forma que se tenha a impressão de que as preposições exprimem *relações de preço*. Se as sentenças a seguir são possíveis, por que então não falamos da *relação de preço* que as preposições **de** e **em** podem estabelecer?

22) *Comprei um real de chicletes.*

23) *Comprei um real em chicletes.*

24) *Quanto você pagou na sua bicicleta?*

#### 4. Conteúdo semântico das preposições

Os dicionários escolares registram, antes de mais nada, a carga semântica das palavras. Todas as preposições analisadas até o momento, exceto o par **com** e **sem**, marcam relações de espaço (tempo (e modo<sup>2</sup>)). Quando elas marcam relações de *espaço*, elas recortam o espaço de uma maneira peculiar, de modo que, se trocarmos uma por outra, teremos sentidos diferentes. Os dicionários escolares não explicitam que recorte do espaço é feito por quais preposições, e quando definem que determinada preposição estabelece relações de espaço, apostam na intuição do falante, que precisa mobilizar seus conhecimentos lingüísticos para determinar quais recortes de espaço estão sendo feitos:

- 24) *Ceguei a Recife*
- 25) *Ceguei em Recife*
- 26) *Ceguei de Recife*
- 27) *Ceguei por Recife*

Vimos acima que cada preposição pode apontar para um valor semântico, mas há casos em que duas preposições podem apontar para o mesmo tipo de relação, sendo que a mesma relação pode ser expressa por duas formas concorrentes, como por exemplo:

a relação de *fim* em 1) e 19): *Fadado a/ para o fracasso*

a relação de *preço* em 2) e 20): *Comprar bananas a/ por um real*

a relação de *modo* em 4) e 5): *Caminhava a/ com passos lentos*

a relação de *causa* em 7) e 9): *Não dá mais pra ver o mar com/ de tanto prédio quem tem na frente*

a relação de *espaço* em 24) e 25): *Ceguei a/ em Recife*

Temos então duas preposições altamente gramaticalizadas para o mesmo tipo de relação. Isto não significa que estas preposições mais gramaticalizadas perderam seu valor semântico; pelo contrário: assumiram tantos, que é difícil delimitar seu conteúdo semântico. Este talvez seja um dos motivos que leva alguns dicionaristas a encerrarem suas listas de definições de preposições com o *etc.*

## 5. O dicionário como instituição normativa

Assumimos que o dicionário seja, assim como a gramática, um **órgão regulador da linguagem**. Autores como Barros (1999, 2000), Aléong (2002) e Rey (2002) concentram-se na descrição do discurso criado pelas gramáticas e dicionários para instruir seus usuários na arte de usar bem a linguagem:

O dicionário produz, na nossa sociedade, certos efeitos de sentido bem conhecidos: de lista, inventário ou registro do saber lingüístico de uma sociedade; de discurso competente sobre a língua; de discurso anônimo da coletividade; de neutralidade e imparcialidade próprias da “objetividade” do saber, isto é, de que está fora do alcance das determinações sócio-históricas e ideológicas; de ter o papel normativo de legitimizar ou de referendar os usos lingüísticos aceitos e prestigiados em uma sociedade e de regulamentar a manutenção e a mudança lingüística. (BARROS, 2000, p. 76)

(...) A modalização pelo ser, ou modalização de existência do objeto, é a estratégia mais forte para o estabelecimento da norma, pois produz os efeitos de sentido de “naturalização” ou de “normalização, ou seja, de uso “natural” ou “normal” da língua: a língua é assim, o uso é aquele que está sendo mostrado. A norma explícita ou culta não se apresenta, portanto, como uma norma entre outras, mas como *a norma*, ou a norma própria da língua. Essa estratégia é a mais empregada nos dicionários, em que se produzem os efeitos de sentido já mencionados, de neutralidade e imparcialidade. (BARROS, 2000, p. 85 – 86, grifos originais).

Este discurso normativo é também descrito por Rey (2002):

Para informar os falantes de seus julgamentos e de suas decisões, para formulá-los, comentá-los, a norma prescritiva sustenta um certo tipo de discurso. Discurso regulado pela natureza de seu objetivo: avaliação crítica e condenação eventual dos outros discursos – que são também o discurso do Outro – e, menos francamente, juízo de valor hierarquizando os usos e, através deles, os usuários. Discurso definitório pois, rejeitando uma parte dos usos da comunidade, ele delimita um objeto (...). (REY, 2002, p. 133).

Faulstich (1998) discute questões de planejamento lingüístico, envolvendo dicionários:

A adoção da NGB, a publicação de obras que adotaram a NGB, principalmente gramáticas, e a edição do Aurélio fixam a utilização de uma norma própria do português do Brasil. É o “standard” do português sul-americano que passará a prevalecer em todos os meios de comunicação – trata-se, portanto de passos definitivos para a normalização da língua portuguesa do e no Brasil. (FAULSTICH, 1998, p. 255).

(...) convém observar que o processo de planificação lingüística não se dá sem o de normalização. (op. cit., p.257).

Aléong (2002) apresenta e discute mais detalhadamente a noção de **norma explícita**, utilizada por Barros (1999, 2000), que ele define como o conjunto de formas lingüísticas que foram elaboradas por um pequeno grupo de pessoas para servir de referência para todos os falantes de uma comunidade letrada e urbana:

(...) Segundo nosso ponto de vista, pode se identificar e isolar três componentes em toda norma explícita. Primeiro, existe um discurso da norma, isto é, um pensamento ou uma visão da linguagem segundo a qual se pode classificar os fatos lingüísticos em categorias de certo, errado, bom, mau, puro, padrão etc. (...) Em segundo lugar, toda norma explícita remete a um aparelho de referência que inclui exemplos de uso correto por parte de falantes investidos de autoridade e de prestígio em matéria de linguagem. (...) Enfim, em terceiro lugar, a norma é difundida e imposta a todo momento graças a seu papel hegemônico de referência legítima em lugares estratégicos como a escola, a imprensa escrita e audiovisual e a administração pública, incluindo os tribunais. (ALÉONG, 2002, p. 164, grifos nossos).

Os dicionários analisados aqui são do tipo escolar, apresentam *per se* a “norma padrão”, já que são dicionários de referência, não dicionários que descrevem, por exemplo, o dialeto caipira, o “economês”, a linguagem de *chats* e assim por diante. Eles servem de guia para o bom uso, mas não foram elaborados com base no uso cotidiano. Chegamos a esta conclusão por dois motivos: porque registram as preposições **ante**, **per** e **trás**, sem alertar para o fato de se tratar de formas que caíram em desuso tanto na fala quanto na escrita do português brasileiro, e porque não há menções às diferenças de usos de preposição na escrita e

na fala. Assim, as contrações de preposição com artigo **pra, pro, prum, pruma, cu'a** e seus respectivos plurais não são mencionadas, já que são presentes apenas na fala e escrita informal. As contrações de preposição com outro elemento lingüístico somente são interessantes para os dicionários, quando a contração envolver recursos exclusivos da escrita, como é o caso dos diacríticos, ou seja, quando houver crase. O dicionário (1) não apresenta a forma **a** como sendo uma preposição, mas apresenta a forma **à** como sendo a contração da preposição com o artigo feminino definido, e os outros dicionários igualmente destacam a crase, mas não mencionam, por exemplo, a possibilidade de contração de **de, em** ou **por** com outros elementos.

**A** e **por** são as únicas preposições em que há, nos dicionários analisados, exemplos que possam ajudar o aluno a compreender as definições de preposições. É justamente no exemplo que o dicionário poderia explorar as possibilidades de contração da preposição com outras unidades lingüísticas, mas os dicionaristas optam por manter a preposição como uma forma invariável:

**por** *prep* indicativa de numerosas relações: de tempo (*chegou por ocasião da colheita*); de modo (*faço-o por prazer*); de divisão (*divida o total por cinco*); de lugar (*passarei por Campos*); de preço (*comprou por cem reais*), etc. Cf **pôr**.  
(2)

Os exemplos acima usam a palavra tal como ela aparece na entrada do dicionário, o que dificulta a compreensão, por parte dos alunos, de formas como **pelo** (por + o), **donde** (de + onde), **na** (em + a) etc.

Quando contrastamos as definições de preposições mais gramaticalizadas com as definições das preposições menos gramaticalizadas, podemos verificar que as preposições **a, com, de, em, para** e **por** são as únicas que textualmente “estabelecem, exprimem, indicam, designam diferentes relações”. As outras todas têm várias acepções, normalmente expressas por locuções prepositivas, mas não é feita menção nenhuma à *relação* que estabelecem. Estas últimas preposições são definidas através de listas de possibilidades de sentidos que podem assumir, como se fossem itens lexicais (o que fica claro nas definições de **até** e **sem**).

## 6. Conclusão

A classe das preposições não é uma classe de palavras suficientemente estudada, e as poucas informações que as gramáticas apresentam sobre elas são assumidas pelos dicionários escolares:

**pre.po.si.ção**, *s.f.* (Gram.) Palavra invariável que liga outras duas palavras, exprimindo a relação que existe entre elas.  
(1)

**pre.po.si.ção** *sf* 1. Ação de prepor; 2. *Gram* palavra invariável que liga dois termos, estabelecendo entre eles diferentes relações. Cf **proposição**. (2)

**PREPOSIÇÃO**, s.f. Ato de prepor; (Gram.) palavra invariável que liga partes da proposição dependentes umas das outras, estabelecendo entre elas diferentes relações. *pre.po.si.cão*

(3)

Não há nenhum tipo de reflexão sobre o seu estatuto categorial na língua. Vimos que algumas preposições, a saber, as menos gramaticalizadas, são facilmente definíveis, mas que as mais gramaticalizadas não possuem um valor semântico específico, único e facilmente identificável. Não parece haver, nos dicionários escolares analisados, nenhum questionamento por que as preposições se comportam de maneiras tão diferentes.

Em resumo, este estudo aponta para o tratamento diferenciado que é dado, nos dicionários escolares analisados, às preposições:

Os dicionários consultados textualmente registram que as preposições **mais gramaticalizadas** estabelecem relações entre palavras/ termos/ partes de proposições, e, no mais das vezes, não encerram suas listas de tipos de relações (terminadas em *etc.*) e apenas eventualmente (vide **a** e **por**) apresentam exemplos de uso.

Os dicionários escolares tratam as preposições **menos gramaticalizadas** como elementos que significam por si, e são traduzidas por locuções prepositivas ou outras preposições. Sempre apresentam um inventário fechado de acepções e dispensam exemplos.

Contudo, esta diferença de tratamento não parece ser refletida, não parece ser fundamentada em princípio algum. O caráter normativo dos dicionários escolares analisados restringe as definições a enumerações de definições vagas (*situação, qualidade, modo etc.*), sem que haja exemplos suficientes que possam sustentar as classificações apresentadas. A falta de exemplos é grave, já que as preposições mais gramaticalizadas assumem um determinado valor semântico apenas no uso, no contexto em que são empregadas.

Enquanto órgãos reguladores da linguagem e obras de referência, os dicionários prescrevem o conservadorismo ao listarem preposições como **ante, per** e **trás**, que não são mais usadas na língua portuguesa e ao não fazerem referência ao registro da língua falada, apresentando as contrações possíveis, atendo-se apenas a fenômenos de contração observáveis somente na escrita (crase).

A Hipótese da Gramaticalização foi utilizada para explicar o fato de que as preposições não formam uma classe homogênea: trata-se de um fenômeno de **variação lingüística**. Lançamos mão da Hipótese da Gramaticalização sob a perspectiva sincrônica, analisando os diferentes graus de gramaticalização dos membros da classe das preposições. Além de constarmos variação nos graus de gramaticalização, segundo critérios de frequência, distribuição (generalização contextual), alteração do conteúdo semântico e erosão fonética (possibilidade de amálgama), constatamos que também variam (co-ocorrem) as preposições em determinados contextos (*Cheguei em/ a Recife; Comprei bananas a/ por um real* e assim por diante), mas que os dicionários não chamam a atenção do aluno para este fato. Por fim, variam as maneiras como cada dicionário define (insatisfatoriamente) cada uma das preposições analisadas.

**ABSTRACT:** This study is developed within Sociolinguistics and analyses the variation between the different definitions of prepositions along three school dictionaries and points to their normative aspects. It discusses the quality of the treatment these dictionaries give to less grammaticalized and more grammaticalized prepositions and focuses the definitions of the six more grammaticalized prepositions of Brazilian Portuguese. In order to describe the synchronic uses of prepositions, the Grammaticalization Hypothesis will be a helpful theoretical instrument to evidence that, although dictionaries are language regulating institutions, they present different and unsatisfactory definitions of prepositions.

**Key-words:** *Prepositions; Grammaticalization degrees; Normativity; School dictionaries.*

## Notas

<sup>1</sup> Considerando a estrutura argumental de um verbo, podemos dizer que cada verbo, para ter seu valor semântico completado, precisa especificar os participantes envolvidos na ação do verbo. Estes participantes são tidos como sendo essenciais ao verbo. Assim, para citar um exemplo, podemos pensar que os participantes em colchetes são essenciais na ação decodificada pelo verbo *abraçar*: “[Jonas] abraça [Juliana]”. Dizer apenas “Jonas abraça” não é uma sentença completa. Numa sentença podemos especificar, além dos participantes da ação, as circunstâncias em que ela se desenrola. Estas circunstâncias são especificações sobre espaço, tempo e modo, que, se omitidas, não comprometem a aceitabilidade da sentença: “Jonas abraça Juliana [na estação de trem] [ao meio-dia] [com todo o seu afeto]”. Os três sintagmas marcados em colchetes são sintagmas preposicionais que podem ser dispensados, e, portanto têm status de adjunto, não de argumento.

<sup>2</sup> Não encontramos a relação de *modo* aplicada à preposição **para**.

## Referências

Os dicionários:

- (1) JORGE, F. P. A. & CARDOSO, R. M. C. *Minidicionário escolar da língua portuguesa*. Ed. Educator. (não sei informar a cidade, nem o ano)
- (2) AMORA, A. S. *Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa*. São Paulo, Saraiva, 2004.
- (3) BUENO, F. S. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo, FTD, 2004.

Obras consultadas:

- ALÉONG, S. Normas lingüísticas, normas sociais: uma perspectiva antropológica. In: BAGNO, M. *Norma Lingüística*, São Paulo: Loyola, 2002. p. 145 – 174.
- BARROS, D. L. P. Variação e norma na língua falada: estudo de duas gramáticas. In: DE BARROS, K. S. M. *Produção Textual*. Natal: Editora da UFRN, 1999. p. 21 – 35.
- \_\_\_\_\_. O discurso do dicionário. *Revista Alfa*, São Paulo, 44, p. 75 – 96, 2000.

- BONFIM, E. R. M. Vestígios da língua antiga na língua moderna: a preposição *por* com valor final. *Revista do Gelne*, Fortaleza, 2/ 1, p. 17 – 21, 2000.
- BORBA, F. S. Sintagmas preposicionados em português. *Revista Alfa*, São Paulo, 24, p. 49 – 58, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ed. Ática, 1996.
- CASTILHO, A.T. & ILARI, R. & ALMEIDA, M.L.L. & KLEPPA, L. & BASSO, R.M. (a sair) A preposição. In: M. H.M. NEVES, & A. T. CASTILHO (orgs.) *Gramática do português falado, vol. III: Classes de palavras*. Campinas: Unicamp/ São Paulo: FAPESP.
- CROFT, W. *Typology and universals*. University of Michigan: Cambridge University Press, 1990.
- DAHL, Ö. *The maturation of linguistic patterns*. Manuscrito, Stockholm, 2001.
- DI MEOLA, C. Vom Inhalts- zum Funktionswort: Grammatikalisierungspfade deutscher Adpositionen. *Sprachwissenschaft*, 26, p. 59 – 83, 2001.
- \_\_\_\_\_. Präpositionale Rektionsalternation unter dem Gesichtspunkt der Grammatikalisierung: Das Prinzip der “maximalen Differenzierung”. In: CUYCKENS, H. & RADDEN, G. (eds.) *Perspectives on prepositions. Linguistische Arbeiten*, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 454, 2002. p. 101 – 131.
- \_\_\_\_\_. The rise of the prepositional genitive in German – a grammaticalization phenomenon. *Lingua*, 114 / 2, p. 165 – 183, 2004.
- FAULSTICH, E. Planificação lingüística e problemas de normalização. *Revista Alfa*, São Paulo, 42, p. 247 – 268, 1998.
- GORSKI, E. M. Níveis de integração de cláusulas para + infinitivo. *Revista do Gel*, São Paulo, 29, p. 88 – 102, 2000.
- HASPELMATH, M. Why is grammaticalization irreversible? *Linguistics*, 37, p. 1043 – 1068, 1999.
- HEINE, B. & REH, M. *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Hamburg: Helmut Buske Verlag, 1984.
- HOPPER, P. J. & TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge University Press, 1993.
- KLAUS, C. Grammatik der Präpositionen: Studien zur Grammatikographie. *Linguistik International*, 2, Peter Lang Verlag, 1999.
- KLEPPA, L. *Preposições ligadas a verbos na fala de uma criança em processo de aquisição de linguagem – ou: Vamo de a pé no carro do vovô?* 2005. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem /Unicamp, Campinas, 2005.
- LEHMANN, C. Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change. *Língua e Stile* 20, p. 303 – 318, 1985 a.
- LONGHIM, R. S. *A gramaticalização da perífrase conjuncional SÓ QUE*. 2003. Tese (Doutorado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem /Unicamp, Campinas, 2003.
- POGGIO, R. M. G. F. Gramaticalização de preposições documentadas na edição crítica “A mais antiga versão dos Diálogos de São Gregório”. *Estudos Lingüísticos*, 29, p. 393 – 398, 2000.

- QVONJE, J. I. Die Grammatikalisierung der Präposition **na** im Bulgarischen. *Folia Linguistica*, Den Haag: Mouton, 1/2, p. 317 – 353, 1979.
- REY, A. Usos, julgamentos e prescrições lingüísticas In: BAGNO, M. *Norma Lingüística*. São Paulo: Loyola, p. 115 – 144, 2002.
- RUBBA, J. Grammaticization as semantic change: a case study of preposition development. In: PAGLIUCA (ed.) *Perspectives on Grammaticalization*, 104, p. 81 – 103, 1994.
- SQUARTINI, M. *Verbal periphrases in Romance: aspect, actionality and grammaticalization*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 1998.
- STOLZ, T. Flexion und Adpositionen, flektierte Adpositionen, adpositionelle Flexion. *Zeitschrift für Phonetik, Sprachwissenschaft und Kommunikationsforschung*, Berlin/ DDR, 43 / 3, p. 334 – 354, 1990.
- VAN GELDEREN, E. – The reanalysis of grammaticalized prepositions in Middle English. *Studia Linguistica*, Oxford/ Cambridge: Blackwell, 50 / 2, p. 106 – 12, 1996.

Data de envio do artigo: 5 de outubro de 2006